



**O MISTÉRIO DO
CAPIONGO**

**TEXTO E ILUSTRAÇÕES
JOAQUIM DE ALMEIDA**

editora scipione

O mistério do Capiongo

© Joaquim de Almeida, 2013

Gerente editorial	Fabricio Waltrick
Editora	Lígia Azevedo
Editora assistente	Fabiane Zorn
Apoio de redação	Sara Souza
Preparadora	Andressa Bezerra
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Cátia de Almeida, Ana Luiza Couto

ARTE

Capa e projeto gráfico	Thereza Almeida
Ilustração de capa	Joaquim de Almeida
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Assistente de arte	Thatiana Kalacs
Estagiária	Izabela Zucarelli
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A448m

Almeida, Joaquim de, 1981-
O mistério do Capiongo / texto e ilustrações Joaquim de Almeida.
- 1. ed. - São Paulo: Scipione, 2014.
120 p.: il.

Inclui apêndice
ISBN 978-85-262-9212-3

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título.

13-02316

CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 262 9212-3 (aluno)
ISBN 978 85 262 9213-0 (professor)
Código da obra CL738551

2014

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Scipione, 2014
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@scipione.com.br
www.scipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Para meus pais,
Laura e Hélio,
com amor.





SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	13
Anjos Investigação	15
Patos	19
Umbelina	23
Retratos	28
Pedra Cristalina	36
Entre besouros e vermes	41
Mil mugidos	45
Espírito velho	50
Salus	55
José Capiongo	61
Fé	67
Tristeza	73
Veredas	76
Tiros na escuridão	79
Maldito	85
Refrega	89
Mais uma alma...	91
Olhos do coronel	96
Túmulo	98
Flor de mandacaru	102
Juazeiro	105
Maria Januária	108
Sino-salomão	110
Saiba mais	115



PREFÁCIO

Prefaciador Joaquim de Almeida foi um convite que me pegou de surpresa. Recebi o original de *O mistério do Capiango* e li de um sorvo só. Leitor compulsivo, o regionalismo é uma de minhas paixões. Já li de tudo um tanto, do *Cabeleira* de Távora ao *Bugre* da literatura juvenil de Francisco Marins, João Simões Lopes Neto, Guimarães Rosa, Mario Palmério... Segui navegando entre tantos outros maravilhosos autores que fazem da literatura regionalista um delicioso pasto para os olhos e a imaginação. Imaginação ainda mais exacerbada de quem viu desde criança o boi bravo, a vaca parida que escondeu o bezerro, o potro redomão e as assombrações que povoaram a infância de outros que, como eu, tiveram a oportunidade de conhecer o velho Brasil rural.

O talento brota de forma surpreendente em imagens de um sertão que nos faz sentir de perto as mais caras tradições de nossa rica literatura regionalista.

A leitura de *O mistério do Capiango* é uma imersão num mundo que transpira magia, ação e medo, nos olhos das reses encantadas, no suor de Meia-noite e no arfar de Nevoeiro.

Raimundo é um elo entre dois mundos que transita entre a fé e a ciência moderna. A máquina fotográfica, a máuser, os rolos de filme e até o trem para o sertão são sopros de modernidade

estranhos ao sertão das boiadas encantadas, que num misto de Suassuna e Palmério vão nos surpreendendo a cada página.

Joaquim desponta aos meus leigos olhos como um talento nato que encontrou na Patos de seus avós a inspiração mágica que nos leva a *O mistério do Capiongo*. É literatura que honra nossas mais caras tradições de reprodução da magia que povoou o sertão e as infâncias em um país onde só recentemente a população urbana superou a povoação da roça.

Mas não é só. Este Brasil sem estradas, em que os deslocamentos mais simples eram verdadeiras epopeias, teve na cultura do boi um de seus mais altos pontos de imersão na vastidão do mistério que Juca tão bem traduz.

Joaquim nos oferece a oportunidade de sentir o cheiro do boi bravo e do fantasmagórico e putrefato rebanho fantasma. Sentimos o arfar de medo e o olhar esgazeado da rês apavorada.

O mistério aparece de forma impositiva e, mais uma vez, prazerosa e surpreendente, num linguajar que nos leva à Paraíba, à Patos do século XX. Terra de Sindú, bisavô de Joaquim que ele não conheceu, mas que, grande figura, foi chefe de polícia durante décadas numa sociedade rural onde a violência era regra. E, como policial, nunca portou arma de fogo e mesmo assim era respeitadíssimo por todos como responsável pela ordem — que mantinha com enorme competência.

Juca é legítimo herdeiro de seu bisavô e sua bisavó Boinha, que, apesar de Sinhá importante, pegava da rabeça e tocava no coreto de Patos até de madrugada. Seu livro nos traz personagens e cenários do mais puro mistério, da mais pura magia e do mais puro regionalismo.

Mas falar de Nevoeiro, de José Capiongo, de Umbelina, Meia-noite e tantos outros personagens é revelar apenas uma face deste mistério que nos leva ao contexto de sua rica criação com imagens que transpiram, que arfam e que transmitem a inquietude e o sofrimento das almas que vagam sem sossego e dos infelizes assustados que com ela se deparam.

Desenhista de mão-cheia numa família de criativos e talentosos artistas, Juca enfrenta o fantasma de seus brilhantes mentores familiares e traduz, sem pudor, em imagens gravadas, a sedução e a magia que espraiam de sua literatura.

Obra completa de imagens e “vozes escritas” que nos permitem sentir o cheiro do medo e do desespero, *O mistério do Capiongo* não merece ser apenas lido: sorvê-lo seria mais adequado e mais proveitoso para aqueles que apreciam as artes de escrever e de ilustrar.

Que fiquem gravados, na nossa retina e na nossa imaginação, os mistérios dos que se aventuram a desenterrá-los, com todos os riscos que esta aventura deliciosamente irresponsável chamada *criação* nos oferece aos olhos, ao espírito e à alma.

Luiz José Bueno de Aguiar

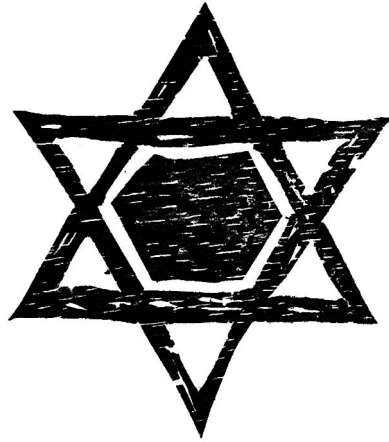
Advogado formado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1976, filho, neto e bisneto de fazendeiros e ávido leitor do que lhe caía nas mãos, estudioso da história e das estórias do campo e do Norte e do Nordeste em particular.



*Juazeiro, juazeiro
Me arresponda por favor
Juazeiro, velho amigo
Onde anda o meu amor*

Humberto Teixeira e
Luiz Gonzaga





INTRODUÇÃO

Nunca botei fé em mandinga, reza ou encanto. Gato preto, espelho quebrado, oração de salvaguarda, sal grosso, Sexta-feira 13, tudo mera conversa pra boi dormir. Enxergava o mundo pela razão. Peça bem afeçonhada na cintura e um bocado de disposição resolviam qualquer peleja.

Só isso parecia fazer sentido até o dia em que quase dou com o tangolomango e vou de encontro à morte. Se não fosse o sino-salomão desenhado na areia, Capiongo reinava...



ANJOS INVESTIGAÇÃO

1951. Faz tempo. Eu ainda era novo. Depois de passar anos no quartel em Resende, no Rio de Janeiro, voltava para João Pessoa, terra natal. Lutara na Segunda Guerra ao lado dos Aliados até a ocupação da Alemanha. Fazia parte dos paraquedistas enviados por Vargas e perdera quase todos os companheiros logo no início da campanha.

Cansado de toda aquela ladainha de patente, tinha saído do Exército e acabara de abrir a Anjos Investigação. Também, depois da confusão com aquele fulano tenente, ou pedia pra sair ou acabava exonerado da corporação. O homem tinha as costas quentes e não importava para o comandante do batalhão se ele contrabandeava armas ou não. Era a minha cabeça que deveria cair.

Quinta-feira, quase meia-noite. Hora já era tarde. Economizava os trocados para pagar as contas daquele mês. O ramo da investigação seguia fraco na cidade. Todos bem casados, desconfiança passava longe dos corações, nenhum defunto, roubo ou mesmo briga por herança. Os únicos que sobravam e atraíam problemas não tinham condições de me pagar — e geralmente resolviam tudo na ponta da faca.

Já havia arrumado todos os arquivos, que infelizmente ainda eram poucos, e me preparava para sair. Precisava pegar o último 767, ônibus que levava para a minha casa, no bairro do Alto do